

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira, 8\$00
, » 10 » — Para outras localidades, 9\$80

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

RECORDANDO...

Meu caro sr. Virgínio Pires

FEZ, há pouco, um ano que faleceu Isidoro Pires. Venho agora cumprir uma promessa que lhe fiz, meu caro sr. Virgínio Pires, logo após o falecimento do poeta, ou fosse, dar-lhe algumas notas do meu convívio com o taviense ilustre que não tendo braços, não tendo sangue azul, tinha, no entanto, a nobre qualidade que o dinheiro não dá e a cor do sangue não faculta: — a da inteligência viva, a da inspiração sublime, a do raciocínio claro e fulgurante.

Não obstante a diferença de idades que nos separavam — uns 26 anos — convivi com o poeta durante bastantes anos.

E tal convívio começou quando eu teria uns 14 anos de idade.

Poderá parecer estranho que uma criança privasse, assim, com um homem que, então, teria quase quarenta anos.

Todavia, eu estava numa fase em que as letras eram, posso dizê-lo, a minha única sedução, os versos o meu deslumbramento.

Nessa altura — o que é a ousadia dos verdes anos!... — já eu colaborava em jornais, já me atrevia, até, a apreciar os trabalhos literários dos outros. O que é a juventude!... Irreverente, atrevida...

Por outro lado, Isidoro Pires era e foi, até à sua morte, grande amigo de meu Pai.

Não admirará, assim, que nos ligasse uma amizade que se manteve inalterável, muito embora, é certo, o nosso convívio diminuisse grandemente, quando tive de deixar o Algarve para frequentar a Faculdade.

Por tudo isto, senti profundamente a morte de Isidoro Pires.

E quando soube do seu falecimento eu lembrei, e lembro agora, aquelas noites em que, passeando, íamos até ao Alto de Santa Maria e aí, frente ao mar, o poeta recitava as suas belas quadras.

Parece-me estar a ver Isidoro Pires, de frente aliava, olhos postos no oceano, com o seu belo gesto, esse gesto que lhe era tão peculiar, a recitar, em torrente, os seus versos, como que inspirado por luz divina.

Depois, pedia a minha opinião sobre a quadras e sonetos que recitava.

Eu dava-lha, e quantas e quantas vezes as nossas opiniões eram diferentes!

Apesar disso, o poeta ouvia-me, talvez para experimentar a reacção dum garoto perante os versos que acabara de lhe dizer, e — caso curiosol... — em bastantes ocasiões, certamente para não me desaminar, acabava por concordar comigo.

Continua na 2.ª página

Festas de Albufeira

Iniciaram-se ontem e terminam hoje, as tradicionais festas da vila de Albufeira, patrocinadas pela Comissão Municipal de Turismo daquela formosa praia algarvia.

Na tarde de hoje haverá procissão abrilhantada pelas bandas de música da Mocidade Portuguesa de Albufeira e Legião Portuguesa de Olhão.

A noite, arraial na praia e queima de deslumbrante fogo de artifício, aéreo e aquático. Vistasas iluminações e dancing na esplanada da praia completa o programa. O produto da receita das festas reverterá em benefício da assistência local.

pelo Dr. Carlos Picoito

A Câmara de Tavira

informa:

RELATIVAMENTE às exposições enviadas por esta Câmara Municipal ao Ministério da Educação Nacional pedindo a criação de uma Escola Técnica em Tavira, por despacho de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado do Educação Nacional, de 30 de julho último, foi esclarecido o seguinte: «Está prevista a criação em Tavira de uma escola técnica. Esta incluirá por certo o ciclo preparatório e, por agora, prevê-se que nela funcione o curso de formação agrícola. É, pois, uma escola de nível igual à generalidade das outras, pois em todas elas se restringe o ensino de formação às modalidades mais indicadas para a região respectiva. Nela encontrarão as famílias o meio educativo próprio para preparar os rapazes e raparigas com um grau de instrução que lhes permita aqui ou em qualquer parcela do nosso vasto Império ganhar a sua vida». — não se indica na exposição qualquer facto que mostre dever considerar-se mais adequado para os tipos dominantes de actividades no concelho de Tavira ensino profissional de ramo diferente do agrícola, nem que o ciclo do ensino geral que precede o curso de formação agrícola venha, por esta circunstância, a valer menos do que o das restantes escolas».

ENCONTRA-SE depositada nesta Câmara uma bolsa de prata, encontrada na Praia de Tavira, que se entregará a quem provar pertencer-lhe.

Mocidade Portuguesa

XVIII Curso de Comandantes de Castelo

Hoje, realiza-se na Escola de Pesca, às 17,30 horas, a cerimónia da imposição das insígnias aos alunos do XVIII Curso de Comandantes de Castelo, com demonstrações das actividades.

Para este acto estão convidadas as entidades oficiais.

Conforme noticiámos os alunos têm estado acampados na mata de Monte Gordo.

Foi escolhido para patrono deste curso, o nome do saudoso Almirante Gago Coutinho.

Todos os trabalhos têm sido inteligentemente dirigidos pelo sr. Dr. Silveira Ramos.

Agradecemos a gentileza do convite que nos foi endereçado para assistirmos à referida sessão.

Curso de Sargentos Militares

Inicia-se amanhã nesta cidade mais um Curso de Sargentos Militares de Infantaria.

Este ano, por determinação superior, o Curso começa mais cedo do que nos últimos anos.

A apoteose da "Volta"

e uma entrevista com JORGE CORVO

NO passado domingo, 23, Tavira foi agitada pelo maior entusiasmo de que há memória. Chegavam os corredores do Ginásio de Tavira que brilhantemente disputaram a Volta a Portugal e com eles Jorge Corvo, o moço aclamado campeão pelo povo de Lisboa, em Alvalade.

Para os ver deslocou-se a esta cidade um bom número de centenas de algarvios, de todos os pontos da província e até alentejanos.

A cidade coloriu-se de galas, colgaduras, flores, houve até trechos de ruas juncadas e largos dísticos cruzados no ar, gritavam alacrememente: «Viva Jorge Corvo, Verdadeiro Campeão da «Volta» de 59»; «A Volta é nossa, ganhamo-la», e muitos outros; tudo produto único da iniciativa particular. Os automóveis que vinham chegando ostentavam galhardetes e letreiros de saudação a Tavira, a Jorge

Pelas 16 horas, frente à sede do Ginásio, fez-se a concentração das representações de todos os clubes desportivos do Algarve, Bombeiros Municipais, Casas do Povo e outros organismos e associações de concelho, cujos estandartes, inúmeros, emprestavam uma nota de beleza e garbo ao desfile que dali partiu para a pista do Ginásio, encabeçado pela Banda de Tavira, seguido de grande multidão, ao estrondear permanente dos foguetes.

Os atletas, que vinham desde o Alentejo recebendo grandes manifestações de carinho pelo povo que os aclamava à beira das estradas e dava largas ao seu júbilo queimando foguetes, foram esperados à raia da nossa província por um interminável

cortejo de duas centenas de automóveis que os seguiu triunfalmente até à pista do Ginásio.

Aí, um multidão de mais de cinco mil pessoas, ao ver entrar os atletas na pista, montados nas bicicletas, entregou-se na mais indiscutível alegria a uma manifestação de carinho formidável em que as palmas, as aclamações, os foguetes e a música, formavam uma amálgama de sons de festividade que empolgava e comovia.

Lágrimas bailavam em muitos olhos.

Toda a imensa massa humana que, ébria de entusiasmo, saltou à pista para ver de perto e abraçar os corredores, como em Alvalade, levou-os aos ombros a dar uma volta de honra, sob um incansável brotar de aplausos e de vivas, e uma chuva de pétalas de flores, de confetti e serpentinas.



Corvo, ao Ginásio, numa afirmação absoluta de solidariedade de toda a província que a todos nós, tavienses, desvaneceu e penhorou.

vo que os aclamava à beira das estradas e dava largas ao seu júbilo queimando foguetes, foram esperados à raia da nossa província por um interminável

Feira e Festas na Luz de Tavira

nos dias 4 e 5 de Setembro

PPROMOVIDOS pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo da Luz de Tavira realizam-se nos próximos dias 4 e 5 de Setembro, data da sua feira anual, interessantes festejos no seu parque de diversões agora aumentado e remodelado.

No dia 4, dancing abrilhantado pelo afamado Conjunto João do Nascimento (Tamar) e ao intervalo exibição do excelente Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão, conjunto de categoria internacional que deliciará o público com os seus cantares e bailados.

Dia 5, dancing abrilhantado pela Orquestra Império e nos intervalos exibição da exímia patinadora do Clube de Futebol «Os Belenenses», Céu Maria Pires, que tantos êxitos tem alcançado em Portugal e no estrangeiro.

Um esmerado serviço de bar e feéricas iluminações completam o programa apresentado.

Tudo nos leva a supor que a Luz de Tavira terá desusada concorrência nesses festivos dias de feira.

Monumento ao Poeta

Isidoro Pires

subscrição

Transporte	23.787\$40
José Vicente Custódio — Santa Catarina	20\$00
João José Viegas — S. Pedro	20\$00
Carlos Anastácio S. Arrais — Luz	20\$00
João Martins Victor — Tavira	20\$00
A transportar	23.867\$50

Festa no Parque

Conjunto Luís Piçarra

A Banda de Tavira apresentará na noite de 5 de Setembro este notável conjunto composto pelos consagrados nomes de Luís Piçarra, Gina Maria, Joaquim Cordeiro, Joseca, Maria Eduarda Dias, Helder António, Cândida Viana e o acordeonista Carlos Areias.

O excelente programa divide-se em duas partes: «Rapsódia Portuguesa» — desfile de canções, fados, anedotas, duetos, números de ensemble, etc., do Algarve ao Minho, por todo o elenco, e um «Acto de Variedades» — com canções portuguesas e internacionais. Seguindo-se um grandioso dancing.

Um grande cartaz. Uma grande festa.



Um aspecto da recepção aos corredores

Da tribuna de honra, onde presidia o sr. presidente da Câmara Municipal, falaram arduosamente os srs. Drs. Eduardo Mansinho, presidente do Ginásio, e Carlos Picoito, presidente da Associação de Ciclismo de Faro, e finalmente o sr. presidente da Câmara, sendo constantemente interrompidos pelos aplausos e aclamações da multidão.

Tavira, o Algarve, pagaram assim apoteoticamente, o generoso e brilhante esforço desse punhado de jovens que dignificaram e engrandeceram a cidade e a província.

* * *

Impunha-se entrevistar Jorge Henrique Viegas Corvo, o

Continua na 2.ª página

Festas de Santa Luzia

Conforme já noticiámos realizam-se hoje e amanhã, as festas em honra de Santa Luzia, com o programa já anunciado.

A apoteose da "Volta"

Continuação da 1.ª página

Jorge Corvo do Ginásio, natural de Santa Catarina de Tavira que, com os seus vinte e quatro anos de idade exuberantes de mocidade e vigor, deu que falar ao país inteiro e foi eleito pelo povo, anónimo e justiceiro, campeão da «Volta de 59».

É um prazer entrevistar Jorge Corvo. Ele é a modéstia em pessoa. Naturalmente simples, desafectado, tem a grandeza e generosidade das grandes almas e não se embriagou nada com o seu formidável triunfo. Foi como se nada tivesse ocorrido na sua vida. Mento voluntarioso, falas tranquilas, olhar a um tempo sonhador e firme de convicções, Jorge Corvo é uma mística difícil mas agradável donde se desprende uma bondade que alicia e cria amigos.

— Então Jorge, — começamos — quer dizer alguma coisa ao «Povo Algarvio»? Vimos que a ideia o alegrou; assentiu e continuámos:

— Que idade tinha e porque começou a praticar ciclismo?

— Tinha catorze anos. Empreguei-me em Tavira e à força de fazer diáriamente o caminho de minha casa em Santa Catarina fiz-me insensivelmente corredor. Aos dezassete comprei uma máquina de corridas e abalancei-me a medir forças na pista do Ginásio em 10 de Junho de 1954. Ganhei as duas provas de iniciados em que entrei e isso mais me animou. Daí para cá apliquei-me a sério, não parei de correr e melhorar de forma, até que fui prestar serviço militar.

— Aspirava alinhar na «Volta».

— Era a minha aspiração antiga, mas o Ginásio não tinha equipa bastante e só no ano passado tive esse prazer. Não fui feliz nessa «Volta» onde, por motivo de doença, não pude medir as minhas possibilidades. Este ano foi diferente. Uma preparação médica criteriosa e de treinos longos e bem orientados, fizeram toda a equipa gozar excelente saúde, produzir belos lances e qualquer coisa de bom. Se o Sérgio estivesse preparado como nós, a equipa talvez não saísse mais do primeiro lugar. Ele estava na tropa e adeus.

— Alguma vez pensou ganhar a «Volta»?

— Esse sonho só começou a formar-se no meu espírito com a assistência de Sousa Cardoso. Batalhando por estar próximo, guindara-me ao terceiro lugar e, achando-me com forças e fundo e não vendo à minha volta senão colegas de possibilidades iguais às minhas, achei que era de tentar a corrida. Várias noites passei quase sem dormir a preparar os meus planos, a estudar a decisão que me empolgava e enchia de júbilo e forças. A

oportunidade que vinha espreitando para fazer tombar a altivez do Porto, surgiu entre Espinho e Viseu e, embora fosse cedo para os meus planos, atirei-me para a frente. Foi assim: Seguimos em pelotão quando, Alberto de Carvalho que quis fazer um bonito para a namorada ver, saiu rapidamente. Seguimo-lo, eu, o Alcide, o Pedro Junior e a coisa pegou. Porém, nessa fuga em que apenas esperava melhorar a posição tinha, sem o saber, alcançado a camisola amarela.

— Qual é a sua especialidade?

— Rolador, embora este ano estivesse a preparar como nunca.

— Quanto aos companheiros de equipa?

— São excelentes camaradas. Há perfeito espírito de entre-ajuda e todos são corredores de mérito, correctos e leais desportistas. Foram eliminados por rigor do júri muitos, como o Virgílio e o Vitor Lourenço, que estavam fazendo uma bela prova e não mostraram o que valiam. Fizemos falta no contra-relógio de Tomar — se é que foi a estrada e não erro de contagem quem nos tirou o primeiro lugar.

— Essa intransigência do júri seria com vista a reduzir à impotência a nossa equipa?

— Talvez. Nunca o júri repescou um dos nossos. Sempre os eliminou, mesmo quando entravam no controle com outros de diferentes clubes a quem pesca tolerantemente.

— Que tal o trabalho e cuidados do Ginásio?

— Admirável. Sendo um clube pequeno, tem feito como as grandes, ou até mais, na preparação dos corredores. Todos conhecem o carinho do sr. Dr. Eduardo Mansinho pela causa e o sr. Eduardo Guerreiro revelou-se um excelente orientador com muita autoridade para nos defender; muito nosso amigo. De resto todos os colaboradores do ciclismo do Ginásio nada descuraram para o êxito.

— Esperou alguma vez ser alvo de uma tão grande manifestação?

— Tão grande, não. A de Lisboa foi muito mais numerosa mas senti mais vibrante a manifestação de Tavira. Comoveu-me imenso.

— Não acha que a rádio, a TV e a Imprensa não deram o devido relevo aos seus triunfos e do Alcide?

— Sabe, nós não eramos conhecidos do público, mesmo talvez julgassem que era fogo de vistas, ou sorrie, o que estávamos fazendo; depois, o Ginásio é um clube pequeno... Eu também esquivava-me quanto podia à EN e à TV. Aquelas coisas embaraçavam-me e preferia que me deixassem. (Este moço é assim).

— Acha que a vossa equipa

Pela Imprensa

«O Comércio dos Viveres»

Entrou há dias no 31.º ano de vida, este nosso prezado colega, órgão de defesa e informação do comércio português.

Ao seu ilustre Director sr. António dos Santos Vicente e a todo o seu corpo redactorial endereçamos as nossas saudações com votos de muitas prosperidades.

Agradecimento

A família de Manuel Leiria, mais conhecido por Manuel do Marco, vem, por este meio, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua derradeira morada e, bem assim, às que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

Agradecimento

Rosa Maldonado Centeno agradece reconhecidamente, por este meio, a todas as pessoas amigas que a visitaram e se interessaram pelo seu estado de saúde, quando da sua doença, na impossibilidade de o fazer pessoalmente.

completa seria inferior à do Porto?

— Não.

— Mesmo com Sousa Cardoso?

— Mesmo com Sousa Cardoso. Isto sem tolice, com verdade.

— Com Artur Carreira agregado teríamos batido o Porto no célebre contra-relógio?

— Não sei como responder a essa pergunta pois não estamos convencidos de que o Porto tivesse feito melhor tempo que nós, 42 e tal. Por outro lado, também muito nos admira que tivessem batido Alves Barbosa e a sua equipa, o qual, como se sabe, é especialista em contra-relógio e sempre se destaca bem nitidamente. Claro que, com Artur Carreira, o rendimento subiria, pelo que teria de haver um maior erro de contagem, ao que se diz, para o Porto nos bater.

— Aceitou bem o contra-relógio por equipas que o desalojou do primeiro posto?

— Aceito sempre bem a derrota mas ali não me considerei derrotado. Se perdesse em contra-relógio individual, estaria certo.

— Teria havido diminuição de tempos à equipa do Porto?

— Constatou isso largamente em Alpiarça, mas nada se pode dizer de positivo. Ainda quando estávamos na prova, já particulares que passavam por nós vinham informando que o Porto fora largado com dois minutos de vantagem.

— Que lhe pareceu esse contra-relógio?

— Inteiramente injusto para com os atletas que até ali firmaram as suas posições com muito esforço. Em Tomar quis-se adotar este erro mas só foi feita a vontade do Porto, como sempre que este clube reclamou.

— A quem se deve a elevação da média da «Volta»?

— À equipa do Ginásio, pela sua constante movimentação.

— O que se passou no Carraxe?

— Isolei-me com Alves Barbosa e Arlindo Carvalho ganhando uns vinte metros, mas o pelotão reagiu e eles desinteressaram-se da fuga que só a mim convinha. Eu não fui sózinho pela responsabilidade de defender o segundo lugar. Todos estávamos cansados e receei «afanar».

— Achou Alves Barbosa e os outros ases inferiores ao ano passado?

— Não. Todos melhores.

— Como pôde atacar de início com tão bons ciclistas ainda frescos?

— Bem, eles tinham-me debaixo de olho, não queriam deixar-me fugir mas eu teimava e, como estava com mais pernas, deixava-os.

— Conte-nos o que se passou consigo em Alvalade.

— Quando o público começou a gritar o meu nome como se eu tivesse ganho a Volta fiquei surpreso, depois senti um grande conforto interior. Quando dei por mim estava aos ombros da multidão e sem a camisola do Ginásio. Nem senti como me tiraram. Eu estava tão surpreendido e incapaz de compreender o que ocorria que ao princípio, quando me pegaram, o meu cuidado era que não me ti-

RECORDANDO...

Continuação da 4.ª página

Como vai longe esse tempo! Isidoro Pires tem tido destractores? Mas quem os não tem?

Muitos deles, porém, falam por falar. Dizem mal, porque entendem que é «de bom tom» dizer mal.

Diga-se, no entanto, o que se disser, ninguém, conscientemente, pode tirar, entre outras, três qualidades aos versos do poeta: — a perfeição gramatical, a riqueza de rimas e a filosofia que eles contêm.

Na verdade, não há, que me lembre, uma quadra ou um soneto que não contenha um conceito ou uma definição lapidar.

Para exemplo, bastará referir a definição que o poeta nos dá de saudade.

Enquanto Garrett definia esse sentimento como um «gosto amargo de infelizes», Isidoro Pires define-o desta maneira: — a saudade é a distância dum amor que já morreu.

Quer-se melhor definição desse portuguêsíssimo sentimento?

Para Isidoro Pires, esse «amor» era não só o que dedicamos a uma pessoa mas também todo aquele amor, toda aquela afeição, toda a boa recordação que temos por qualquer coisa, por certo momento da nossa vida, pelos anos já passados, enfim, por tudo aquilo que nos foi querido e que jamais voltará.

Esse amor, morreu. Quanto mais o tempo nos separa desse amor, quanto maior for a distância que, no tempo, nos separa do mesmo, maior será a nossa saudade.

E tal distância é, em síntese, a saudade, como a sentia Isidoro Pires.

Quer-se melhor definição? Poderá haver melhor síntese?

Isidoro Pires não procurava apenas a rima. Nos seus versos há o grito dum alma atormentada, sente-se neles o desabafo dalgum que sente e sofre e que, nesses mesmos versos compostos, em grande parte, com amargura, encontra o lenitivo para a sua dor.

Quem conviveu, de perto, com Isidoro Pires teve, forçosamente, de notar a facilidade com que o poeta compunha os seus versos.

E essa faceta sente-se, observável, é bem patente na naturalidade das suas quadras, na espontaneidade dos seus sonetos.

Efectivamente, nos versos de Isidoro Pires não se vislumbra o verso trabalhado, a rima preparada ou procurada. Tudo neles é simples, natural, espontâneo.

Talvez poucas pessoas sai-

rassem a fruta que tinha ainda na camisola.

— Que pensamentos teve na noite anterior ao contra-relógio?

— Nenhum. Dormi bem. A vantagem de 2 minutos e 20 segundos dava-me margem para continuar com a camisola amarela.

— Constatou que o Sporting o convidou.

— Não; mas não deixo o Ginásio. Fiz-me aqui corredor e gosto da minha terra e da sua gente.

— Acha que pode ainda melhorar de forma?

— Creio que sim, e vou trabalhar para isso.

— Tem esperanças para a próxima «Volta».

— Tenho, mas tudo depende de muitos factores.

— Na hora dos seus triunfos, o que pensava e sentia?

— Sentia prazer por levantar o mais alto possível o meu clube e a minha terra, de que me lembrava sempre, assim como de meus pais e namorada.

— Não o maçamos mais, obrigado Jorge Corvo. Os nossos parabéns.

— Tenho ainda uma palavra. É o meu muito reconhecimento para agradecer a solidariedade que todo o Algarve me manifestou e à nossa equipa durante a «Volta», em centenas de telegramas e cartas e à minha terra pela manifestação com que nos deslumbrou.

S. L.

bam como e onde foi composto o soneto Madalena.

Numa procissão de Sexta Feira Santa, Isidoro Pires seguia atrás do Pálio.

Quando o cortejo estava sobre a ponte, o poeta que nessa altura ainda seguia na Praça da República, contemplou, em frente, a imagem de Maria Madalena.

E logo, como fluido oculto que nesse momento espontaneamente brotasse, ele, impressionado com a visão sublime, começou a compor, recitando-o para si, o maravilhoso soneto.

MADALENA

Vendia beijos por moedas de oiro
Num refiro sombrio de Magdala.
(A sua formosura, oh! que tesouro,
Desde o andar até à própria fala!)
Queimava nardo; e, olhando pr'as volutas
Do fumo que se esvai, sentiu ardor
De transformar, em asas impolutas,
As asas dissolutas do amor.

A fé, então, entrega-lhe os cilícios,
Que quebram garras e exterminam vícios
E com eles rasgou o seu sudário.

Madalena, na rua da Amargura,
É tão triste na sua desventura
Como a lua na noite do Calvário!...

Este facto, talvez desconhecido de muitos, mostra bem o poeta que era Isidoro Pires.

Como a sua morte desapareceu um grande poeta, um taverense ilustre.

Meu caro sr. Virgílio Pires: A obra do seu Irmão só numa conferência, e não num simples artigo de jornal, podia ser devidamente apreciada.

Por isso e porque a minha promessa está cumprida, termino, com um abraço do seu muito amigo.

EXCURSÃO

Está em organização uma grande excursão ao Norte do País, cuja partida está marcada para 10 de Setembro.

O itinerário estende-se até Bragança.

Ainda há 5 lugares disponíveis. Quem pretender inscrever-se pode dirigir-se ao organizador sr. João da Conceição — Tavira.

Atenção à Foto Andrade

Tem à venda a película Kodak, Ektachrome, Kodachrome, Películas, Dispositivos para transparências, Cópias tipo R, em papel, obtidas das transparências. Kodacolor, película, e Kodacolor, papéis, pelo processo negativo-positivo.

Dirija-se à Foto Andrade, Tavira, e compre os seus filmes para cinema: Kodachrome, Panotimix e Gevaplan 23. Máquinas de filmar, projectores e acessórios. Filmes já impressos de Charlot, Imagens do Mundo, Documentários, Desenhos Animados, Desportivos e muitos mais filmes.

Só na Foto Andrade, Rua José Pires Padinha, 48 — Tavira.

Na «Casa Brasil»

(fundada em 1924)

Encontra V. Ex. livros sobre todos assuntos — escritos nas principais línguas.

Se deseja estar ao corrente do movimento literário português e saber quais as novidades científico literárias mais importantes, publicadas em francês, inglês, espanhol e italiano, peça periodicamente catálogo nesta casa.

Mandamos vir qualquer obra quando a não tenhamos em depósito.

Estampas para Quadros

Acabamos de receber uma enorme colecção em vários formatos e de vários assuntos, tanto profano como religioso, assinado por mestres no assunto. Não deixe de embelezar o seu lar com quadros por falta de estampas, lindas estampas.

Livraria CASA BRASIL

Manuel Alexandre

Rua da LIBERDADE — TAVIRA

Este número foi visado pela Delegação de Censura

CAMPANHA DE VERÃO

Redução Especial de Preços

NAS

SINGER*

DE

ZIGUEZAGUE



Apenas até fim de Setembro

* Marca Registrada de The Singer Manufacturing Co.

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 4.ª página

essas festas contam já alguns séculos.

Arreigada no espírito do povo louletano essa tradição — a darmos crédito que a grande festa se iniciasse pouco depois do milagre da jovem — é de crer que durante os primeiros três séculos ela se realizasse sob a influência de rezas e cânticos sômente.

E assim, porque ao tempo não havia a influência da música com as suas garbosas «marchas graves». Mas uma vez esta aparecida, o que em Loulé só se verificou no dia 1 de Maio de 1856, presume-se que nas festas de 1857 elas já fossem abrilhantadas pela «Música de Loulé», filarmónica que se tem dilatado até à actualidade com o nome de União Marçal Pacheco.

Durante uns dez anos os entusiasmos da música percorrendo as ruas da vila incitando o povo a acorrer à Mãe Soberana e tocando atrás dos envaidecidos homens do andar com as suas naturais prosápias de gente de maior força e valentia, esses acordos musicais eram o produto de heterogêneas composições.

Em 1866 Manuel Martins Campina, um empregado de finanças muito hábil na música, toma a regência dessa banda. Como compositor de fina inspiração, e atendendo ao nível superior que as festas à «Soberana» iam levando de ano para ano, uniformiza o sistema musical e em data que não se sabe escreve uma «Marcha-Hino» que oficializa, na credence popular, esse período de festas. É um hino de melodia agradável que tanto tem de fácil e simples como de sugestivo e adaptado ao fim.

Sob a regência do Maestro Tenente Armando Fernandes, no ano de 1938, foi a Festa Grande abrilhantada pela excelente Banda da Polícia, de Lisboa. Evidentemente que o hino — Marcha Nossa Senhora da Piedade — tocado de ouvido por gerações de músicos, essa bellissima Banda havia de o tocar, pois ele é imprescindível em toda a toada da festa; bani-lo, será, pois, para quem o faça, crime do mais elevado grau de tradição e herança contra a veneranda padroeira de Loulé!

E para que a Banda da Polícia melhor o podesse tocar, a carta que eu dirigi ao Maestro, é elucidativa:

Amigo Armando Fernandes. Esta marcha, bem singela, deve ter cerca de cem anos. Está bem no ouvido do Povo e é indispensável todos os anos na festa à Nossa Senhora da Piedade.

Como as partes cavas vieram sem os relevos necessários, indiquei-lhes, segundo o meu sentimento, as «nuances» e bem assim uma alteração que a tradição e o ouvido do povo já não dispensam.

Em nome da verdade devo-lhe dizer que nunca a toquei, nem até hoje a ouvi tocar, com os relevos artísticos que a sua melodia está a pedir.

Ora como o meu amigo é exímio na bela arte, é favor ensiná-la a rigor e ainda mais — segundo o nosso finíssimo sentimento — apresentá-la em Loulé como ainda não foi tocada, apesar da sua singeleza.

Barreiro-10-4-1938.

Uma variante à tradição festiva Loulé já pretendeu introduzir nas afamadas Festas. Mas...

Tirar-lhes o Domingo de Páscoa e o segundo domingo depois, é tirar o brilho ao mais puro diamante.

No ano de 1920 tal brilho foi oxidado com o facto de realizarem essas Festas nos dias 11, 12 e 13 de Setembro. Ape-

sar de um vistoso programa, a alteração não pegou. Assim o horário secular tornou depois a ser cumprido, e é o que continua e continuará perfeitamente.

Em Março de 1946 um facto deveras curioso se opera nos bens de Nossa Senhora da Piedade. O seu património espiritual, sem dúvida, já era riquíssimo; mas o material era pobre, pois carecia até então das esmolas dos crentes. Não é vulgar o que se passa. Mas porque ele é deveras edificante, para não perder o próprio sabor extraiamo-lo da imprensa de Faro — «O Algarve» n.º 1982, de 24-3-1946 — que o relator do seguinte modo:

«Faleceu esta semana no sítio do Poço do Pezo, subúrbios de Loulé, o abastado proprietário Manuel Pedro, de 62 anos de idade.

Tendo vivido uma mocidade dissipadora e aventureira, as suas proezas turbulentas eram contadas em toda a redondeza e geral o desagrado dos seus vizinhos e conhecidos.

Pois este homem que assim viveu, andava preocupado nos últimos tempos, em que a doença o minava, com a forma como havia de legar os seus bens.

Sendo solteiro e sem parentes próximos, pensou em deixá-los sômente às pessoas que d'ele não tivessem falado mal e como as não encontrasse, legou a maior parte da sua fortuna à Senhora da Piedade de Loulé, que era, no seu rude dizer, a única «pessoa» que nunca mal dissera da sua vida.

Extravagante capricho do destino, o deste homem, ou último rebate da sua consciência que parecia adormecida?

Sabe-se lá porque insondáveis desígnios, a mão da Providência nos conduz!

Assim o património material da «Mãe Soberana» dos louletanos ficou enriquecido, em propriedades, no valor, segundo se diz, de cerca de dois mil contos, com rendimentos anuais de apreciáveis dezenas de milhares de escudos.

Arrenda-se

Uma courela de terra com arvoredos no sítio das Cabanas designada a «Areia».

Quem pretender dirija-se a António dos Santos Leitão — sítio do Buraco — Vila Nova de Cacela.

Courelas

Arrendam-se, uma no sítio do Pinheiro, de sequeiro, com 8 alqueires, tendo amendoeiras e terras de semear.

Outra no sítio da Igreja, de regadio, tendo água suficiente para todo o ano, com 5 alqueires, quatro dias e meio de água, com nespereiras, damasqueiros e diverso arvoredos.

Quem pretender dirija-se a Manuel Fernandes Cocharro — Luz de Tavira.

Vendem-se

Duas courelas, a 1.ª denominada «Perdido» no sítio de Monte - Agudo, reguesia de Santo Estevão, terra limpa de semear com três ramos: Oliveiras, amendoeiras e figueiras. A 2.ª, denominada «Cavalinhos» no sítio de Estiraman-tens, freguesia de Santo Estevão, com 4 hectares de terreno, tendo terra matosa e terra de semear, com alfarrobeiras e azinheiras.

Recebem-se propostas em carta fechada, Joaquim Picanço, Rua 6 Lote n.º 32 rés-chão Esq.º, Baixa da Banheira, reservando o direito de não entregar caso o preço não interesse.

Notícias Pessoais

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje — D. Almerinda Correia Palmeira Neto, D. Dorila Afonso Mendonça Arrais, D. Maria Fernanda dos Santos Lopes e os srs. Joaquim António dos Santos e Humberto Rosa Fernandes Simão.

Em 31 — D. Deolinda Lopes Rodrigues e os srs. Fernando da Conceição Diogo e Francisco Raimundo.

Em 2 — D. Maria Geórgia Correia Rodrigues e os srs. Filipe Manuel Campina Guerreiro e Luís Sebastião Peres.

Em 3 — D. Olga Correia Soares, D. Maria Delfina Lopes Santos, D. Teresa de Jesus do Carmo Zacarias, D. Ana Rosa Martins da Costa Leiria e os srs. Custódio Pires Soares e João Vitorino Maria Correia.

Em 4 — D. Maria Julieta Gil Madeira Teixeira, D. Maria Catarina Araújo e D. Maria Luisa Sena Neto.

Em 5 — D. Maria da Encarnação Carmo Araújo Nolasco, D. Cacilda do Livramento Baptista Fernandes, D. Maria Susana Padinha, menina Maria Teresa Fina Barradas e o sr. João Francisco Rodrigues.

Partidas e Chegadas

Com sua família retirou para Faro, onde foi colocado a seu pedido, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Tenente Vitor Castela.

— Depois da visita a seus pais, nesta cidade, retirou para o Porto, na companhia de seu esposo sr. Rui Armando Martins da Costa e de seu filho Armando, a sr.ª D. Josília B. Raimundo Martins da Costa.

— A fim de passar uma temporada em casa de seu genro e filha, partiu para o Porto a sr.ª D. Alda Bernardo Raimundo.

— Com sua família encontra-se passando as férias na Luz de Tavira, o sr. Adelino Ferreira Abrantes, funcionário do Instituto Nacional do Trabalho e nosso assinante, em Beja.

— Com sua esposa partiu para Vila Mança, próximo de Moçambique, onde foi colocado como Conservador do Registo Predial, o sr. Dr. Joaquim Fernandes Lisboa, nosso prezado assinante.

— Com sua esposa regressou do norte do País, onde foi em viagem de recreio, o sr. João Martins Vitor, chefe do Posto da Polícia de Segurança Pública desta cidade.

— Regressou da capital onde foi assistir à chegada dos corredores da Volta a Portugal em Bicicleta, o sr. Bernardino de Jesus Pereira, funcionário da Escola de Pesca desta cidade e nosso assinante.

— Com sua família tem estado a passar as férias nesta cidade, o sr. Eng. João Maria Cabral, director do Posto Agrário do Sotaventado do Algarve, e nosso prezado amigo.

— Com sua esposa e filhos encontra-se nesta cidade, no gozo de licença, o nosso conterrâneo sr. Fernando Martins do Carmo, informador fiscal em Abrantes.

— No gozo de férias encontra-se com sua família, na sua quinta do Alto, em Cacela, o nosso conterrâneo e assinante sr. Carmilo Maria Trindade, funcionário da Capitania do Porto de Setúbal.

— Com sua família encontra-se no gozo de férias, nesta cidade, o sr. Eleutério dos Santos, informador fiscal e nosso assinante em Móra.

— Com sua esposa esteve a fazer a sua habitual cura de águas nas termas do Luso, o sr. João Aldomiro de Sousa, vice-presidente da comissão concelhia da União Nacional.

— Com sua família encontra-se passando a época balnear no seu chalet da Praia de Tavira, o nosso conterrâneo sr. Dr. João do Nascimento Mansinho, vice-reitor do Liceu de Castelo Branco.

— Com sua família encontra-se gozando as férias nesta cidade, o nosso conterrâneo sr. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, médico em Lisboa.

— Encontra-se em Tavira com sua família, o sr. Dr. Freitas e Silva, professor do ensino secundário, residente no Estoril.

— Com sua família encontra-se veraneando na praia da Manta Rota, o nosso velho amigo sr. Armando da Silva Fernandes, funcionário do Ministério das Obras Públicas, residente na capital.

— Na sua vivenda na Luz de Tavira encontra-se, passando uns dias de férias o nosso conterrâneo e assinante sr. Henrique Gago da Graça, abastado proprietário.

Festejos Populares

Hoje, realiza-se no Parque da Casa do Povo da Conceição de Tavira, grandiosos festejos dedicados aos associados daquele Organismo.

Durante a tarde haverá várias diversões e à noite um grandioso baile abrilhantado pela orquestra «Melodia do Sul».

Propriedade

Arrenda-se ou vende-se no sítio da Campina, Luz de Tavira.

Consta de sequeiro e regadio, com amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras e casas de moradia com todas as comodidades para alojamento de animais, um pequeno pomar e nora com motor.

Quem pretender dirija-se a José Amândio Mendonça Nunes — Poço das Figueiras — Freguesia de Moncarapacho.

VENDE-SE

Repolho da Holanda meio-pé e lombarda para dispor.

Quem pretender dirija-se a Joaquim Patarata — Luz de Tavira.

PADARIA

Arrenda-se por motivo de retirada, com casas de habitação, e mecânica, consumo de 110 sacas por mês, no sítio de Santa Rita, Freguesia de Cacela.

Quem pretender dirija-se a Sebastião de Brito — Vila Nova de Cacela.

Vende-se

O direito a herança de seu pai que António Mendonça tem em uma propriedade, sítio de Sinagoga, Santo Estevão.

Tratar com o próprio na Pensão Avenida ou com Manuel Prado — Tavira.

Arrenda-se

Pomar de laranjeiras, na Quinta da Fonte Santa.

Recebem-se propostas, em carta fechada que serão abertas no dia 7 de Setembro próximo, na mesma propriedade, às 12 horas na Luz de Tavira.

Trespasa-se

Casa de Mercarias e cereais por motivo de retirada.

Tratar com o próprio na Rua Cândido dos Reis n.º 7 — Tavira.

Madeira de Eucalipto

Para traves, com diversas medidas, a partir de 10 metros, completamente seca, vende-se.

Tratar com José Rosa Catarino — St.ª Luzia — Telef. 738.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOTOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA—SONS

Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS

FARO—PORTIMÃO tefs. 368

Propriedade

Arrenda-se uma no sítio do Pinheiro — Luz. Com sequeiro e regadio e casas de habitação.

Tratar com Maria Virgínia Mendonça — Luz de Tavira.

POMAR

Arrenda-se, no sítio de Sinagoga, junto à Estrada de Estevão. Recebe propostas, reservando o direito de não entregar caso as mesmas não interessem, Luís Arrais, na referida propriedade.

Arrenda-se

Parte da propriedade denominada «Morgado» no sítio do mesmo nome, Freguesia da Conceição.

Quem pretender dirija-se ao caseiro da mesma que a mostra e presta esclarecimentos.

Arrenda-se

Uma horta com 3 noras abundantes de água, engenhos de ferro e motor.

Bom pomar de laranjeiras, outro de albricoqueiros e outras árvores diversas, casas e suas dependências.

Trata-se na Rua Dr. Parreira n.º 81 — Tavira.

CASEIRO

Precisa-se, pessoa séria. Informa esta Redacção.

Propriedade

Vende-se ou arrenda-se uma propriedade no sítio da Campina — Luz de Tavira. Consta de sequeiro e regadio, nora com abundância de água e motor, pomar com laranjeiras e árvores mimosas e casas de habitação.

Tratar com José Amândio Mendonça Nunes, Poço das Figueiras — Moncarapacho.

Arrendam-se

As seguintes propriedades, por um ou mais anos:

Morgado, na freguesia da Conceição; Paúl, no sítio da Asseca.

Recebem-se propostas até 31 de Agosto.

Tratar com o sr. José Marques, Rua Gonçalo Velho, 8 — Tavira.

PAPELARIA IDEAL

TELEFONE 131

Rua 5 de Outubro, 17 — TAVIRA

Artigos de papelaria, de escritório, de desenho e escolares

Livros de ensino primário e do 1.º, 2.º e 3.º ciclo liceal e técnico

Ultimas novidades literárias

Revistas nacionais e estrangeiras

Postais ilustrados e com a vista geral e parcial da cidade.

Jogos e construções

Impressos da Imprensa Nacional



hérnia

O Moderno Método
MYOPLASTIC-KLÉBER

— não tem igual —

MYOPLASTIC, patente francesa, não é uma cinta vulgar, mas sim um verdadeiro «músculo auxiliar», sem mola e sem pelota, que reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar sem qualquer dificuldade

«Como se fosse com as mãos»

A sua acção permanente, discreta e confortável, não se explica com palavras. Venham, pois, fazer o ensaio junto do Especialista do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

que faz demonstrações em Portugal desde 1949, nas Farmácias depositárias mencionadas abaixo. É absolutamente gratuito.

TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco — Dia 9 de Setembro

PORTIMÃO — Farmácia Carvalho — Dia 7 de Setembro

FARO — Farmácia Higiene, Rua Ivens, 22 — Dia 8 de Setembro

Vila Real de Santo António — Farmácia Silva — Dia 10 de Setembro

Durante os intervalos das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos os que se lhe dirijam para adquirir Cintas.

É GRANDIOSO o espectáculo anual que Loulé apresenta com a grande festa à sua Padroeira — a Virgem Nossa Senhora da Piedade, mais popularmente conhecida pela *Mãe Soberana*.

Manifestação de fé religiosa das mais afamadas do Algarve, ela faz movimentar muitos milhares de indivíduos dos mais distantes pontos da província. A sua tradicional festividade tem duas séries, dividida uma delas em duas fases.

Aquelas são: a festa pequena e a festa grande. A primeira condiz com o domingo de Páscoa: é a descida do cerro, de Nossa Senhora, para a igreja de S. Francisco; a segunda, a de maior fulgor, é sempre quinze dias depois.

Nesta manifestação de grande culto pela fé, existem as duas distintas fases: a religiosa, no seu mais sentido significado, e a profana, na mais ampla e liberal exteriorização popular.

No domingo de Páscoa a descida obedece somente a uma marcha fácil de organização profana; marcha acelerada a conduzir o pesado andor até à igreja de S. Francisco. E durante os quinze dias da sua estadia ali, as novenas e os sermões por afamados oradores sacros perfazem toda uma vigília religiosa de grande poder espiritual.

O curso da grande procissão na segunda série, saída de S. Francisco e ruas do centro da vila e mais importantes artéria da parte alta da terra, é feito com o mais grandioso aparato religioso. Garbo, luxo, devoção, pálio com o Santíssimo Sacramento e recolhimento no maior culto de fé; promessas, irmandades, divinizções; passo lento e cadenciado ao ritmo de marchas graves executadas por bandas de música; foguetes, ordem, aprumo e muitíssimos milhares de pessoas a perscrutarem por todos os meios a fina escultura da Santa Imagem com o seu bendito Filho morto no colo; constitui um *Todo* religioso de elevado apreço.

Desce depois até ao Convento de Santo António. Aqui, desteita a processional ordem, fica tudo entregue à maior profanação de um espectáculo inegalável, deslumbrante.

Rompe seguidamente uma vertigem colectiva em marcha de passo-acelerado, e a vibração e o delírio atingem o rubro.

Mola impulsional a levar tudo por diante, lá vão os oito homens do andor, impetuosamente uniformizados de calças brancas e opas roxas, os homens mais fortes e resistentes do concelho, nessa marcha de alucinação, doida, electrizante, a subir, sob o impulso do Povo, o íngreme cerro até ao modesto santuário da Mãe Soberana.

A música que lhe dá alma resume-se apenas no ritmo do bombo e no destaque estridente de um ou outro arrojado executante a soprar no instrumento, aqui e mais além, al-

por Pedro de Freitas

guns compassos da quase secular «Marcha-hino»; a massas do Povo, ululante, compacta, trovejante de aclamações, vivas e braços no ar, na sua onda avassaladora faz delirar até às lágrimas os milhares e milhares de indivíduos que circundam a ladeira, assaltam as árvores em verdadeiros cachos humanos e coalham o cerro das mais variadas cores a exibirem-se em manifestações diversas mas verdadeiramente sentidas.

É assim desde sempre a Festa *À Mãe Soberana de Loulé!* E desde quando?!

A darmos crédito à lenda que vem «antes muito dos fins do século XVI», ficaremos a saber que determinada donzela, de quinze anos de idade, uma tarde, depondo flores num modesto altar, ao pé do vale, que seus pais mandaram edificar em uma gruta aonde ainda existe uma fonte, determinado fidalgo, endoidecido pela formosura e belidade da menina, pretende força-la.

— Não gaste, senhor fidalgo, Não gaste o tempo de balde, Que o meu pensamento é outro Mais próprio da minha idade. A minha alma só a entrego À Virgem Mãe da Piedade.

Resistindo à força do fidalgo, solta-se-lhe dos braços que a prendiam, e,

Já não pede ao cavaleiro, Pede à Virgem da Piedade, Que outro amparo ali não tinha Para a sua virgindade.

O milagre opera-se: a menina sai ileso do atentado, e o fidalgo, cheio de vergonha e remorsos mete-se num convento onde morreu frade.

A fama da Santa milagreira toma foros de soberana e passa a ser idolatrada.

A pequenina capela da gruta muda-se para cima do íngreme cerro, e aí, no ano de 1553, o serralheiro de nome Bartolomeu Fernandes, edifica, à sua custa uma pequena ermida.

Dir-se-à que vêm desde então os usos e costumes adoptados nas festas que os avós dos meus avós já assim conheceram?

Ataíde Oliveira, e creio mesmo que Estácio da Veiga, a tal pormenor festivo nenhuma referência fazem. Mas o que não há dúvida alguma é que

Continua na 3.ª página

GAZETILHA

Ecos da «Reviravolta»

Mas que bela recepção Teve o nosso campeão, Foi duma grandeza una! De vivas, um desbarato, Foi tamanho o espalhafato Que até caiu a tribuna.

A par da Volta, leitores, Que causou tais dissabores, Tantos protestos e danos... Que contraste! Oh! Sensação! Prepara-se a eleição Do novo rei dos ciganos!...

E é bom que ninguém esqueça Que o Vieira e o Cabeça Professam a mesma fé, Pra ser rei basta somente Ser um exemplar valente De pura raça Calé.

Ao ver a competição Da gitana geração Nenhuma dúvida resta, Que no seio da cigandada A vitória é conquistada Duma forma assás honesta!...

Zé da Rua



Pela Cidade

Cine Esplanada (Parque Municipal) — Espectáculos da semana:

Hoje, para maiores de 12 anos, um filme de séries, *A Seita do Cavalo Branco*, com Jack Mahoney e Clayton Moore.

Quinta-feira, para maiores de 17 anos, Sophia Loren no filme italiano *A Rapariga do Rio Pó*. Em complemento, *Três Horas para Matar*, com Dana Andrews, Donna Reed e Dianne Foster.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Símplicio.

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto amanhã, dia 31, das 22 às 24 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

Samper Fidelis - Overture . . . J. P. Sousa
La Belle Gallathée - Overture . . . F. Suppé
L'Arlesienne - Suíte . . . G. Bizet
Copélia - Bailados da Ópera . . . Delibes

II PARTE

Féerie - Ballet . . . A. Delhaye
Gabriela Tango . . . H. Rocha
Washington Post - P. D. . . J. P. Sousa

Arrenda-se

Propriedade na freguesia da Conceição (frente à Casa do Povo). No Vau (junto à ponte em construção na Estrada Nacional), terreno para se-mear.

Aceitam-se propostas na Praça Dr. António Padinha, 2 — Tavira.

Reserva-se o direito de renda. O terreno do Vau pode arrendar-se junto à propriedade ou em separado.

A Volta a Portugal em Bicicleta

Uma carta do Ginásio G. de Tavira

Director do jornal «Povo Algarvio» — Tavira

Excelentíssimo Senhor

Os nossos respeitosos cumprimentos.

No desejo de evitar uma injustiça incompreensível, permita V. que solicite que no vosso conceituado jornal, seja esclarecida a opinião pública da ingratição que comete pretendendo atribuir ao jornal «Diário Ilustrado», organizador da Volta a Portugal em Bicicleta, possíveis «erros» que teriam tirado a Jorge Corvo, e a nós todos algarvios, a honra de ganhar a «Volta» de 1959.

De todos os elementos que constituíram a Organização das últimas «Voltas», a cargo do jornal «Diário Ilustrado», — de longe a mais perfeita Organização de todos os tempos — o Ginásio e os seus atletas só receberam provas de consideração e estima que não poderemos esquecer.

Quando a massa anónima do povo, pretendendo hostilizar os carros do «Diário Ilustrado» num desforço pelas «irregularidades de que julga terem sido alvo os rapazes do Ginásio», apupou os seus ocupantes, julgando-os culpados, comete um erro que urge esclarecer.

Se de algum modo fomos prejudicados nesta «Volta» de 1959, não foi o jornal Organizador mas sim o Júri «imposto» pela F.P.C. que poderia merecer os desfavores do público. O jornal, não!

Gratos a V. pela publicação desta carta nos subscrevemos

A Bem do Desporto

O Secretário

Liberto M. Laranjo Conceição

Autociclo L. da

Cota vende-se Nesta Redacção se informa.

É Mentira?

REFERIU-SE no seu último número, o nosso prezado colega «Jornal do Algarve» com este mesmo sugestivo título, às apreciações feitas aos hotéis de Portugal, numa local intitulada «Praias» vinda a lume no n.º 1310, do nosso jornal.

É bom salientar que o articulista nas suas apreciações não se refere especialmente ao Algarve mas ao nosso País, dum maneira geral.

De facto, a nossa provincia luta com falta de hotéis, o que muito prejudica a sua industria turística.

Também é verdade que no Algarve, além da Praia da Rocha, em referência ao progresso hoteleiro, ainda tudo está em projecto ou em vias de construção, mas, é bom salientar, que a opinião firmada na citada local é feita por um inglês que há pouco nos visitou e partiu satisfeito com o acolhimento e instalações hoteleiras do nosso País.

A referida local foi-nos gentilmente enviada pelo Secretariado Nacional de Informação, organismo que tem responsabilidades no turismo nacional.

Porém, se tal como aquele nosso prezado colega afirma, «É Mentira» o que o S.N.I. nos informa e aquilo que o inglês disse do nosso País, vai para o saco...

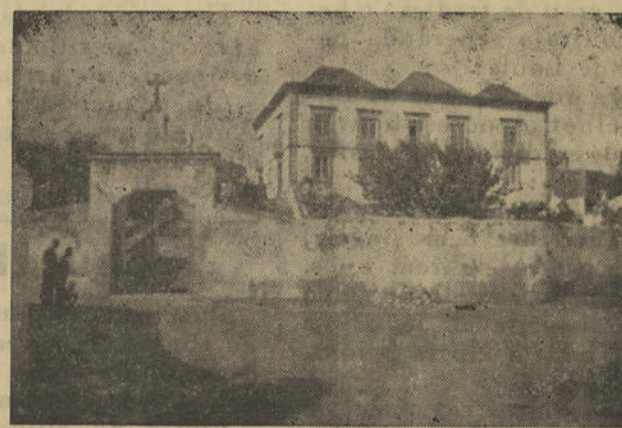
Agradecimento

Joaquim José Valente vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada sua saudosa mãe Vicência da Conceição e, bem assim, aquelas que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar

Externato N. Senhora das Mercês

SEXO MASCULINO

Alvará n.º 1196



Quinta da Bela Fria — Telef. 228 — TAVIRA

Ensino Primário (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes)
Admissão aos Liceus
Ensino Liceal

As inscrições são de 1 a 10 de Setembro; depois dessa data estão sujeitas a multa

A directora e proprietária: Mariete Mercês de Oliveira Bomba, e Garcia

Mosaicos Leão



Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lavaloças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente a

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA

NAS FÉRIAS...
NA CIDADE...
NO CAMPO...



Beba COMPAL

SUMO PURO DE LARANJA
SEM CORANTES NEM CONSERVANTES



Depositários no Algarve:

António Lã & Filho, L. da

Largo do Carmo, 63-70

Telefone 91

F A R O

355 OVIC